



## OS OFÍCIOS: MEIOS DE SOBREVIVÊNCIA DOS SETORES SUBALTERNOS DA SOCIEDADE ROMANA

Luciane Munhoz de Omena\*  
Universidade de São Paulo – USP  
[lu\\_omena30@yahoo.com.br](mailto:lu_omena30@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Proporemos uma reflexão sobre a prática dos ofícios realizados pelos setores subalternos da sociedade romana como forma de sobrevivência, para mostrar a criação de regras estratégicas que extrapolavam o universo das doações realizadas pelos membros aristocráticos ou pelo *imperator*. Veremos, no curso desta discussão, uma idéia central: a não ociosidade da *plebs*.

**ABSTRACT:** We will propose a reflect about of practice of the service produce to the subordinate groups of the roman society with form of survivor, to show the produce of the strategy rule (who) then abuse the universe of the donate to made about aristocrat member or to the *imperator*. We will see, on course of this speech, a central idea: the no leisure of the *plebs*.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ofício – *Plebs* – Poder

**KEYWORDS:** Job – *Plebs* – Power

No fundo, somos bárbaros no sentido de que usamos os bens, mas não conseguimos pensá-los.  
**Alfredo Bosi**  
(*Cultura brasileira: tradição/contradição*)

A historiografia contemporânea, desde o século XIX, como é o caso do autor alemão Friedländer, interpretou a sociedade romana a partir de grupos privilegiados que controlariam o acesso aos benefícios concedidos pelo poder político, excluindo, dessa forma, setores populares denominados por *plebs*. Esta, de maneira geral, não teria nada a oferecer sob a ótica do historiador. Então, como manobra política, para a manutenção da ordem e afastá-la das decisões políticas, as autoridades davam-lhe o pão e o circo.

---

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social/FFLCH/USP, sob orientação do Professor Dr. Norberto Luiz Guarinello, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP.

Esta concepção se enraizou no senso comum e presenciamos hoje, no público não especializado, formulações de que a plebe era sanguinária, despolarizada, ociosa e desinteressada pelo trabalho.

Ainda segundo Friedländer, a condição dos proletários era ainda mais desoladora, pertenciam ao terceiro estado e exerciam ofícios de comerciantes, barbeiros, professores, artesãos entre outros, vivendo em torno do pão e do circo, que ocorria mediante uma emigração incessante atraída das províncias à capital pelos benefícios concedidos.<sup>1</sup> Segundo Friedländer, os benefícios eram oferecidos aos indivíduos masculinos e cidadãos por viverem em estado de pobreza e miséria, embora as distribuições públicas de trigo fizessem parte de um sustento elementar.

A distribuição ocorria juntamente com os espetáculos e os jogos gladiatoriais que eram, inicialmente, religiosos na República, enquanto, no Império passam a ter uma conotação política. Os espetáculos serviam, em essencial, para ganhar o favor do público e aplacar a sede de violência, predominante da *multitudo*.<sup>2</sup> Prevalciam, segundo Friedländer, na população da cidade de Roma:

[...] massas despossuídas, uma gentilha brutal, grosseira e corrompida, se comparada às capitais modernas, pois em nenhuma parte, nem em nenhuma época do mundo, chegou a concentrar a luz de todas as nações como na Roma de então, uma vez que era, duplamente perigoso, pois estava formada, em grande medida, por pessoas ociosas. O governo cuidava de seu sustento mediante as grandes distribuições periódicas de trigo e, como consequência, via-se obrigado a cuidar de seu tempo livre, oferecendo distrações para entreter a sua ociosidade.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Cf. FRIEDLAENDER, L. **La sociedad roman. Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto basta los Antoninos**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1947, p. 164.

<sup>2</sup> Cf. *Ibid.*, p. 497-498.

Essa opção em interpretar os jogos gladiatoriais como espetáculos sangrentos influenciou autores como Hibbert que reproduziram perspectivas de que o público se satisfazia e exigia a violência, o incesto, à pilhagem e o canibalismo (HIBBERT, C. **Histoire de Rome**. Paris: Payot, 1988, p. 54.) Garraffoni em um estudo atual sobre os gladiadores na Roma Antiga faz críticas à construção da violência – crítica autores como Grant (Grant, M. **El Mundo romano**. Madri: Guadarrama, 1960.) – nos jogos na arena. Utilizando fontes literárias e arqueológicas a autora afirma que a violência foi enfatizada nas fontes literárias como Sêneca e Tácito. De acordo com suas palavras, Tácito acentua: “[...] tanto na maneira como organiza seu discurso, escolhendo termos que intensificam e dramatizam as mortes, assim como nas atitudes dos que participaram da rixa, pois estes carregavam pedras e espadas, postura que muitos estudiosos afirmam não ser comum entre os espectadores. Se por um lado há uma ênfase na violência, pó outro, a punição também aparece com força em seu relato. O julgamento em Roma, a proibição dos espetáculos por dez anos, a dissolução dos *collegia* e a punição dos organizadores, acusados de incitar a desavença, são aspectos que não passam despercebidos na narrativa de Tácito”. (GARRAFONI, R. S. **Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas**. São Paulo: Annablume, 2005, p. 138.)

<sup>3</sup> FRIEDLAENDER, 1947, op. cit., p. 498.

Como podemos observar, Friedländer expressava em suas análises históricas valores morais inculcados em conceitos como ‘gentalha’, adjetivados por ‘massa brutal’, ‘corrompida’ e ‘desocupada’.<sup>4</sup> Como propôs Renata Senna Garraffoni, o historiador imprimiu tais valores à sociedade romana, em especial, vendo os setores populares dentro de um contexto capitalista que valorizava o trabalho e via o *otium* como uma ameaça à ordem estabelecida.

A própria maneira como o pesquisador alemão compara os marginalizados romanos com os modernos e considera os primeiros mais perigosos por constituírem uma maior quantidade de pessoas ociosas. Assim, embora empregue a mesma palavra latina, seu significado é outro, uma vez que indica mais uma preocupação moderna com o desemprego e as revoltas que acometiam as cidades deste momento que o conceito em si.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Mommsen, contemporâneo de Friedländer, de forma menos explícita, propõe que a plebe era ociosa o que causava desinteresse pelo trabalho. Citemos *in extenso*: “[...] O plebeu romano preferia estar horas inteiras olhando com a boca aberta o teatro a trabalhar; as tavernas e os lupanares eram tão freqüentados que os demagogos exploravam, o seu gosto, os proprietários destes estabelecimentos para o seu proveito. Os jogos gladiatoriais, que revelavam e nutriam a mais espantosa desmoralização do mundo antigo, eram negócios tão florescentes que, somente com a venda de seus programas, poderia realizar-se consideráveis fortunas e neles se introduziram, nesta época, uma horrível inovação que não era a lei do duelo em que o vencedor decidia pela morte do vencido, mas sim um capricho dos espectadores, que por meio de um sinal, o vencedor perdoava ou atravessava com a espada o derrotado estendido a seus pés. O ofício de gladiador havia subido tanto quanto havia baixado o preço da liberdade, que a temeridade e a coragem, tão ausentes dos campos de batalha nesta época, brilhavam esplendorosamente entre os combatentes da arena, onde a lei do duelo exigia que o gladiador se deixasse matar sem tremer ou exalar um gemido, sendo além disso, feito freqüente o caso de um homem livre se vender ao empresário do circo como escravo gladiador pela comida e dinheiro. (MOMMSEN, 1983 apud GARRAFONI, R. S. **Gladiadores na Roma Antiga**: dos combates às paixões cotidianas. São Paulo: Annablume, 2005, p. 67.)

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 72.

Essas considerações sobre a despolitização, ociosidade e violência da plebe foram reproduzidas pela historiografia do século XX. Temos inúmeros exemplos: Carcopino (CARCOPINO, J. **Roma no apogeu do império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1942]), Gagé (GAGÉ, J. **Les classes sociales dans l’empire romain**. Paris: Payot, 1964.), Rostovtzeff (ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.), Veyne (VEYNE, P. **Le pain et le cirque**: sociologie historique d’un pluralisme politique. Paris: Seuil, 1976.), Alföldy (ALFÖLDY, G. **História Social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989.), Petit (PETIT, P. **A paz romana**. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1989.), Robert (ROBERT, J.-N. **Os prazeres em Roma**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.), Grimal (GRIMAL, P. **A vida em Roma na Antigüidade**. Mira-Sintra: Europa-America, 1995.) entre outros. Carcopino, por exemplo, ao escrever a obra **Roma no apogeu do Império**, propôs reflexões sobre a vida na *urbs*: seu esplendor expresso nos edifícios públicos e nas casas aristocráticas, as ruas expondo suas misérias, a atuação da mulher frente à sociedade, ofícios, educação, espetáculos gladiatoriais entre outros aspectos. Carcopino, no entanto, apresentou a dinâmica social baseada numa posição binária: elite e plebe. A primeira representava sabedoria, riqueza e poder, simbolizados pelas grandes construções públicas e pela *domus*. A plebe, pelo contrário, empobrecida, desocupada e propensa a revoltas era apaziguada pelos césores romanos que não a deixavam sentir fome e tédio. Os espetáculos tornavam-se diversões para a ociosidade dos súditos e um instrumento seguro de seu absolutismo. (Cf. CARCOPINO, 1989 op. cit., p. 329.) De acordo com as palavras do autor: “150.000 proletários alimentados pela Anona às expensas do Estado: desocupados e eternamente sem trabalho, satisfeitos com

O debate estabelecido pela historiografia contemporânea sobre a distribuição de trigo e outros víveres pelo *princeps* ou grupos de notáveis à plebe, tornando-a passiva e ociosa, como podemos observar, é recorrente. No entanto, a distribuição contemplava uma minoria populacional, o critério de seleção fundamentava-se em dois fatores: condição de cidadão e obrigatoriedade de habitar em Roma. Uma outra questão era a impossibilidade dos beneficiários sobreviverem com apenas cinco *modii* (aproximadamente 21 litros) de trigo distribuído pelo governante.<sup>6</sup>

Além das restrições governamentais, os pobres não conseguiriam transformar o trigo em pão. Moravam em vivendas de madeira que não comportavam cozinhas; os apartamentos das *insulae*, sempre sob o risco de incêndios, abrigavam uma população, geralmente, miserável com vestuário e alimentação escassos, seus haveres eram parcos. Sêneca dialogando com Lucílio sobre a possibilidade viável de viver sem fortuna e sem aparatos de luxo, utilizava como parâmetro de comparação à quantia irrisória de dois ases que pobres e escravos destinavam para a alimentação diária. De acordo com suas palavras:

Então, Lucílio, podes crer que terá a satisfação de ver como matas a fome com dois ases, de compreender que, para viver em segurança, não precisamos da fortuna para nada. Mesmo quando hostil, a fortuna

---

esta situação, reduzem seus esforços em perceber, um dia de cada mês, os víveres que gozariam até a morte”. (CARCOPINO, J. **Roma no apogeu do império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1942], p. 270.)

Percebemos nos traços desenhados por Carcopino o cotidiano de uma plebe excêntrica e sem atividade, vivendo das diversões sangrentas oferecidas nos combates gladiatoriais. Como sustentou Garraffoni, a inovação de Carcopino, em relação aos seus colegas precedentes, “[...] está no argumento que segue o desenvolvimento de seu texto, isto é, este quadro caótico e sanguinolento só viria a melhorar no final do Império com a chegada do cristianismo, religião que salvaria o *povo* desta vida profana, nefasta e violenta”. (GARRAFONI, R. S. **Gladiadores na Roma Antiga**: dos combates às paixões cotidianas. São Paulo: Annablume, 2005, p. 73.)

A proposta de Gagé, semelhante a Carcopino, retratava a *plebs* como indivíduos sem recursos e, por este motivo, podiam apenas representar o papel de clientes parasitas em torno de um grande personagem, neste caso, o *princeps*. (GAGÉ, J. **Les classes sociales dans l'empire romain**. Paris: Payot, 1964, p. 125.) Rostovtzeff não foge à regra, na obra *História de Roma*, afirma que “[...] os membros inferiores eram escravos ou semilibertos, sem esperança de promoção à classe superior, embora houvesse exemplos ocasionais disso, especialmente durante o reinado de Cláudio”. (ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 234.) Sem promoção social, viviam do abastecimento regular e abundante de alimentos, da distribuição gratuita de pão, dos divertimentos em locais amplos como teatros, banhos públicos, basílicas, praças e jardins; locais desfrutados pelas camadas mais baixas com as mesmas vantagens de conforto e ordem que estavam ao alcance dos ricos. (Cf. *Ibid.*, p. 245.) Segundo o autor, cerca de 200.000 pessoas, das classes mais pobres, eram mantidas pelo Estado e as demais podiam encontrar trabalho em abundância, se o desejassem. O que fica implícito no discurso de Rostovtzeff é que há trabalho em abundância e pouca vontade de exercê-lo. Citemos *in extenso*, “[...] as demais podiam encontrar trabalho em abundância, se o desejassem. Não havia falta de distrações, especialmente no governo de Nero, Domiciano e Cômodo; ocasionalmente, eram feitas doações ao povo em dinheiro ou em bens”. (*Ibid.*, p. 242.)

<sup>6</sup> Cf. FAVERSANI, F. **A pobreza no Satyricon de Petrônio**. Ouro Preto: UFOP, 1999.

não nos nega o que é estritamente necessário. Procedendo assim, de resto, não há razão para pensares que fazes uma grande coisa (fazes apenas o mesmo que muitos milhares de escravos, que muitos milhares de pobres). (*Ep. Mor.* 18, 07)

Para o filósofo não era “[...] agradável viver de água, polenta, de uma migalha de pão de centeio”. (*Ep. Mor.* 18, 10) Sêneca relatava que seus contemporâneos, a maioria de pobres e escravos, sobreviviam com a quantia discreta de dois ases e ingeriam alimentos extremamente simples, se comparado à cozinha luxuosa da elite romana.<sup>7</sup>

Esses indivíduos, ‘a quem tudo falta’ (*De Clem.*), não se devia rotular ou mesmo generalizar como uma *multitudo* de analfabetos, vivendo das redistribuições promovidas pelos ricos e pelo Estado.<sup>8</sup> Era evidente que os agentes subalternos desenvolviam estratégias de supervivência, extrapolando o universo de doações e divertimentos no circo. Um exemplo disso encontra-se na seguinte passagem: “[...] a prosperidade recai até mesmo sobre a plebe e os talentos medíocres”. (*De Providentia* IV, 1) Era um grupo socioeconômico ativo que lutava por sua sobrevivência e criava alternativas próprias de vida social.

Assim como o cafetão Élio, retratado em uma das elucubrações que Sêneca redigiu sobre a riqueza: “As riquezas não são um bem; por isso, que os tenha o cafetão Élio, para que os homens vejam o dinheiro, embora consagrado nos templos, lá no prostíbulo”. (*De Providentia* V, 2) Embora considerasse a existência do cafetão repugnante, o nomeia: fato de extrema relevância, levando-se em consideração o tratamento pelo anonimato dado aos setores subalternos. Além disso, Élio se mantinha por si próprio e possuía riqueza proveniente da prostituição. Em outra obra, Sêneca afirmava que a riqueza estava ao alcance do proxeneta e do lanista, por isso, a riqueza não era um bem; (*Ep. Mor.* 87, 15/15) o que indicava, muito provavelmente, não apenas um juízo de valor, mas ofícios rentáveis, pelo menos do ponto de vista econômico.

---

<sup>7</sup> Sêneca fazia críticas à sofisticação da comida e a inutilidade do cozinheiro conhecer técnicas especiais para o corte de carnes. Citemos *in extenso*: “[...] quão ansiosos ficam por saber como o javali sai das mãos do cozinheiro, ou com que velocidade os escravos jovens, a um dado sinal, correm às suas obrigações, com quanta perícia as aves são cortadas em bocados não muito grandes, ou quão cuidadosamente os infelizes escravos limpam o vômito dos bêbados”. (*Ad Paulinum de Brevitate Vita* XII, 5)

<sup>8</sup> Cf. GAGÉ, J. *Les classes sociales dans l’empire romain*. Paris: Payot, 1964.  
ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.  
WALLACE-HADRILL, A. *Patronage in Ancient Society*. Londres: Routledge, 1990.

Podemos afirmar que os setores subalternos exerciam ofícios como o artesanato, comércio, cabeleireiro, porteiro, taberneiros entre outros, desenvolvidos por libertos, cidadãos ricos ou pobres e escravos. Não eram atividades, consideradas por Sêneca, honrosas, pois não tornava possível, assim como o estudo da filosofia, o engrandecimento da alma pela virtude. Sêneca relatava, desde os vendedores de salsichas nos balneários, pequenos comerciantes, ao comércio de iguarias suntuosas destinadas à aristocracia romana (*Ad Paulinum de Brevitate Vitae, De Constantia Sapientis, De Providentia, Epistulae Morales*).

Nas *Epistulae Morales*, Sêneca, em tom de reclamação, por viver sob uma terma, reclamava dos ruídos e dos gritos de banhistas, vendedores e também dos barulhos das carroças, dos músicos e de um carpinteiro.<sup>9</sup> (*Ep. Mor. 56, 1/5*) Retratava a venda de alimentos, dizendo: “[...] e toca a consumir ainda todo o tipo de pregões: o vendedor de bebidas, o salsicheiro, o pasteleiro e todos os negociantes de comes e bebes apregoando a sua mercadoria cada um com uma entoação própria”. (*Ep. Mor. 56, 2*)

Isso indicava que havia um intenso comércio, juntamente com a presença de grupos de artesãos e lojistas, ocupavam a *urbs* causando desconforto para as autoridades e aristocratas que viviam nas proximidades. A falta de espaços, poluição, ruídos, cheiros, riscos de incêndios e a incompatibilidade de adequar o ideal de prestígio aos centros urbanos fazia com que Sêneca não recomendasse viver rodeado de carrascos e de tabernas.<sup>10</sup> (*Ep. Mor. 51, 4*)

A venda de alimentos indicava dois fatores: os agentes trabalhavam e se alimentavam de seu pecúlio. Temos, nestes ofícios, mais do que um desprezo e sim um

---

<sup>9</sup> As termas eram locais financiados pelos membros aristocráticos. Sêneca desenhou o seguinte quadro: “Sim, os mais nobres desempenhavam outrora a função de entrar nesses lugares freqüentados pela multidão, de assegurar a sua temperatura adequada à saúde, e não este calor que hoje está na moda e mais parece calor de incêndio”. (*Ep. Mor. 86, 10*)

O filósofo fazia críticas ao luxo das termas, exigidos pela plebe e libertos. Citemos *in extenso*: “Qualquer um se considera pobre e mesquinho se as suas paredes não resplandecerem com grandes e preciosas incrustações, se os seus mármore de Alexandria não forem decorados com mosaicos da Numídia, trabalhosamente recobertos de verniz como se de pinturas se tratasse, se não tiverem cúpula recoberta de vidro, se o mármore de Tasos não revestir as piscinas onde metemos o corpo emaciado pelo banho de vapor, se, enfim, a água não correr de torneiras em prata! E, por enquanto, até estou falando das canalizações da plebe: que não dizer quando me referir aos balneários dos libertos! Que multidão de estátuas, que sem número de colunas que nada sustentam, apenas decorativas, só para a exibição de riqueza! Que abundância de água caindo ruidosamente em cascatas! Chegamos ao luxo de só poder pisar pedras preciosas”. (*Ep. Mor. 86, 6-7-8*)

<sup>10</sup> Como sugeriu Morel: “[...] invasão do artesanato e do comércio, numa luta constantemente renovada, mas que obtém resultados desiguais [...] O objetivo dos edis e dos imperadores é impedir que as lojas invadam a cidade ou, pelo menos, confiná-las a certos bairros”. (MOREL, J.-P. O artesão. In: GIARDINA, A. **O homem romano**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1992, p. 198.)

retrato de como os setores subalternos viviam em seu cotidiano, mantendo-se de atividades rendosas e não sobrevivendo de pão e divertimento. Visão estereotipada que foi construída ao longo da História.<sup>11</sup>

Sêneca discutia sobre a obtenção da virtude através do trabalho, por isso, a valorização ou não do ofício, seja ele qual fosse, dependia do alcance desta, do conhecimento de si. (*Ep. Mor.* 31, 04) O ponto crucial em seu pensamento era o estudo ou mesmo a prática de ofícios que encaminhassem a *uirtus*. Se assim fosse, qual a relevância de Sêneca discutir sobre o contributo do ofício para obtenção da virtude, quer dizer, até que ponto as atividades eram essências para o crescimento da alma? Se os setores subalternos vivessem realmente como quer a historiografia, de pão e divertimento, então, o que motivaria o filósofo escrever sobre o tema?

Os ofícios eram recorrentes no mundo romano, em consequência disso, Sêneca afirmava: “O trabalho não é um bem em si mesmo. Por isso eu censuro toda a atividade vazia de sentido”. (*Ep. Mor.* 31, 04) Esta crítica recaía sob a utilidade de qualquer ofício

---

<sup>11</sup> Cabe lembrar que os pregões retratados por Sêneca se assemelham à condição brasileira. Os trabalhadores vivem na informalidade, sem registro na carteira de trabalho, em ambientes como terminais rodoviários e centros das grandes cidades (e.g. São Paulo têm ruas famosas como 25 de Março, Largo Treze de Maio em Santo Amaro, Estação do Brás, especialmente, na avenida Rangel Pestana, praça da Sé e os trens urbanos que abrigam uma infinidade de comerciantes ambulantes) vendendo todos os tipos de produtos, desde os alimentos perecíveis aos não perecíveis, como roupas, brinquedos e todo o tipo de pirataria como produtos de informática, cds de música e filme entre outros. Esta informalidade gera alguns problemas de cunho econômico e social, tais como: conflitos entre lojistas e ambulantes que competem para atrair mais clientes, tendo em vista, uma problemática central: o lojista tem uma carga altíssima de impostos que eleva o preço final dos produtos, enquanto, o ambulante, livre de impostos, pode abaixar o valor das mercadorias, atraindo, dessa forma, mais compradores.

Essa informalidade conduz o trabalhador a viver sem a segurança da previdência social (a não ser que pague como autônomo), não têm direitos de receber férias, décimo terceiro do salário, seguro desemprego e em caso de acidente de trabalho, não pode ser aposentado por invalidez ou continuar recebendo até que esteja apto a retornar as atividades e a aposentadoria. Esta situação deve-se a fatores como a desestruturação da educação, responsável pela qualificação dos agentes que é exigido no mercado de trabalho. Como sugeriu o economista Tafner, “[...] somos um fracasso no sistema educacional, que é o elemento que qualifica o trabalho”. (TAFNER, apud CASTRO, Fábio de. Mercado de trabalho mais acessível. **Boletim Agência Fapesp**, São Paulo. Disponível em:

<[http://www.agencia.fapesp.br/boletim\\_dentro.php?id=6275](http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?id=6275)>.)

O resultado disso é um crescimento da informalidade no Brasil. Segundo as autoras Sá e Araújo, do jornal *O Globo*, São Paulo registrou o menor índice entre mulheres (chefes) de família, 27%. Em outras regiões metropolitanas do país, no entanto, os índices de informalidade aumentaram como Salvador, com 34,2%, Rio de Janeiro, com 33,6%, seguida de Recife, com 33,2%, Belo Horizonte, com 28,4% e Porto Alegre, com 27,2%. As autoras apresentam um depoimento da empregada doméstica Diná de Jesus Santos, 36 anos, separada e mora com seus três filhos no bairro de Cajazeiras, periferia de Salvador. Trabalha com carteira assinada e recebe R\$300,00 por mês, mas diz que se recebesse uma proposta melhor, trabalharia sem registro. (Cf. ARAÚJO, Patrícia; SÁ, Clarice. São Paulo tem maior índice de empregos formais entre as chefes de família. **Jornal o Globo**, São Paulo, out. 2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Economia/0,,AA1297787-5599,00.html>>.) Temos, portanto, duas situações marcantes: dados alarmantes dos níveis de informalidade e indivíduos com registros, mas com salários baixíssimos, forçando-os, mais uma vez, à informalidade.

que não atingisse a virtude. A filosofia, segundo a concepção senequiana, conduzia o indivíduo à segurança, enquanto, o ofício de arquiteto, por exemplo, à insegurança. De acordo com seu questionamento:

Foi à filosofia que levou à edificação de blocos habitacionais em andares, para pôr em grave período a segurança dos moradores? Até parece que não bastava encontrar abrigos de ocasião, e obter sem artifício ou dificuldade formas naturais de habitação! Podes crer, época feliz foi essa que precedeu o aparecimento de arquitetos e dos estucadores! (*Ep. Mor.* 90, 8)

Sêneca, além de caracterizar os ofícios por uma demanda moral, dividiu-os em artes liberais, manuais e prazeres. Trataremos primeiro das artes liberais. Eram elas: *Grammaticae*, a e – estudo da linguagem, (*Ep. Mor.* 88, 3/4) *Geometricus*, a, um – medição de latifúndios, (*Ep. Mor.* 88, 10) *Astrlogus*, i – conhecimento dos astros,<sup>12</sup> (*Ep. Mor.* 88, 14) *Mathematica*, a e – edificação de terrenos, (*Ep. Mor.* 88, 28) *Medicus*, a, um – investigação de ervas (*Ep. Mor.* 95, 15) e *Musicus*, a, um – harmonização dos sons. (*Ep. Mor.* 88, 9) Sêneca partia do pressuposto de que as artes liberais eram dignas de um homem livre. Citemos *in extenso*:



Compreendes por que razão se lhes chama ‘estudos liberais’: porque são dignos de um homem livre. No entanto, o único estudo verdadeiramente liberal é aquele que torna o homem livre; e esse é o estudo elevado, enérgico, magnânimo da sabedoria. (*Ep. Mor.* 88, 02)

Ainda que as artes liberais fossem dignas de um homem livre, pois na prática podiam ser exercidas por escravos e libertos, não contribuía para o crescimento da alma. Vejamos por quê? A gramática dedicava-se à análise de divisão de sílabas, a observação dos significados e ao conhecimento de temas mitológicos que não auxiliavam, segundo Sêneca, libertar-se do medo, refrear os desejos;<sup>13</sup> (*Ep. Mor.* 88, 3/4) a geometria, por sua vez, ensinava o manejo com os números, mas não impedia à avareza; (*Ep. Mor.* 88, 10) a matemática era usufrutuária, no entanto, “[...] se através dela fosse capaz de abarcar a natureza do universo, eu diria que ela era de grande utilidade para o espírito humano, o qual se eleva pelo estudo do mundo celeste e como

<sup>12</sup> Sêneca utilizou a seguinte argumentação: “Passemos agora ao especialista no conhecimento dos astros, aquele que sabe: ‘onde vai ocultar-se o gélido astro de Saturno, as paragens celestes por onde erra deus de Cilene!’ Que me adiante este saber?”. (*Ep. Mor.* 88, 14)

<sup>13</sup> Sêneca, em relação ao ofício de gramático, médico e piloto, fez uma importante afirmação de que eram atividades acessíveis até mesmo aos homens extremamente humildes. Quer dizer, todas as pessoas teriam acesso a estes serviços. Citemos *in extenso*: “Nas atividades profissionais de gramático, de médico ou de piloto vemos os respectivos bens serem acessíveis a homens extremamente humildes. Só que tais profissões não têm por finalidade a grandeza de alma, não implicam elevação moral, não são hostis aos favores do acaso”. (*Ep. Mor.* 87, 15/16)



que recebe em si algo do céu” (*Ep. Mor.* 88, 28) e, finalmente, a música ensinava harmonizar os sons agudos e graves, mas deveria, antes de tudo, harmonizar o espírito consigo mesmo, ter consonância nas idéias. (*Ep. Mor.* 88, 9)

As artes manuais eram semelhantes às liberais, pelo menos, no que diz respeito à obtenção da virtude. Ambas não possuíam pré-requisitos para melhorarem o espírito, evitar os excessos, moderar as paixões. A diferença encontrava-se no fato de que eram, segundo Sêneca, ‘reconhecidamente inferiores’, o que indicava hierarquização também entre ofícios. Se assim não fosse, o filósofo não consideraria, então, as atividades manuais inferiores. Quais eram elas? *Pictor, oris*,<sup>14</sup> *Statualis, is* e *Marmorarius, a, um*. (*Ep. Mor.* 88, 18, 27-28)

Sêneca considerava tanto as artes liberais como as manuais, incapazes de alcançarem o bem moral. Aos olhos do pensador:

[...] os conhecimentos relativos a todas estas artes estão circunscritos a elas mesmas, porquanto elas não têm incidência sobre a totalidade da vida. A virtude, porém, implica tanto o conhecimento dela própria como o de tudo o mais; para aprendermos a virtude temos de começar por aprender o que ela é. (*Ep. Mor.* 95, 56-57)

Além do mais, o sábio “[...] nunca julgaria que merecia a pena inventar qualquer coisa que, em seu entender, não fosse para usar para sempre; ou seja, não ia inventar hoje o que abandonaria amanhã”. (*Ep. Mor.* 90, 30) O indivíduo que se dedicava às artes manuais: não poderia alcançar o bem, pois sua matéria era indivisível, (*De Providentia* V, 9) o conhecimento era restrito em sua própria atividade e era impensável inventar algo que não tivesse utilidade para o futuro.

No caso das artes liberais, a preocupação perpassava o lucro e não o crescimento espiritual, de acordo com sua opinião: “[...] não admiro, nem incluo entre os bens autênticos um estudo que tenha por fim o lucro. São conhecimentos subsidiários, úteis apenas enquanto servem de preparação ao intelecto, mas desde que não sejam a sua única ocupação”. (*Ep. Mor.* 88, 1)

Sêneca retratava, igualmente, os ofícios destinados aos prazeres, dentre os quais incluímos: o mercador, cabeleireiro, barbeiro, prostituição, cafetão, gladiador, depilador, cozinheiro, vendedores (salsichas, pasteleiros, bebidas), o artesão entre outros. Vejamos algumas atividades e suas associações:

---

<sup>14</sup> Sêneca considerava vários tipos de artesão: pintor, escultor, marceneiro. (*Ep. Mor.* 56, 4)

1. **(Mercador)** – Lucro (*Brevitate Vitae* II, 1); 2. **(Prostituta)** – Promiscuidade (*De Providentia* V, 3); 3. **Gladiator, oris (Gladiador)** – Brutalidade (*Ep. Mor.* 37,2); 4. **Fornicor, aris, atus, sum, ari (Cafetão)** – Riqueza (*De Providentia* V, 2); 5. **Alipilus, i (Depilador)** – Voz Efeminada (*Ep. Mor.* 56, 12); 6. **Botularius, ii (Vendedor de Salsichas)** e **Crustularius, ii (Pasteleiro)** – Confusão (ambiente de terma) (*Ep. Mor.* 56,12); 7. **Frabricator, oris (Artesão)** – Ruídos (*Ep. Mor.* 56,4); 8. **Tela, ae (Tecelão)** – Tecidos inúteis (*Ep. Mor.* 90, 20); 09. **Atheta, ae (Atleta)** – excluída das artes liberais: baseada no óleo e pó. (*Ep. Mor.* 88, 18)

Como podemos observar, os ofícios relacionáveis aos prazeres eram associados ao lucro, promiscuidade, brutalidade, riqueza e luxo. (*De Providentia* V, 3; *Ep. Mor.* 37, 2; *De Providentia* V, 2; *Ep. Mor.* 47, 8 e *Ep. Mor.* 56, 2) Tais atividades eram tratadas com desprezo pelo fato de serem ofícios que desencadeavam, segundo Sêneca, o excesso pelo luxo, pelo vinho, pela comida, pela vestimenta, o cuidado com a beleza, o gosto por animais exóticos que gerava o comércio realizado por longas distâncias. De acordo com o filósofo, o comércio que levava o indivíduo a percorrer terras e mares distantes, só o faziam pela esperança de lucro. (*Ad Paulinum de Brevitate Vitae* II, 1)

Da mesma forma, era indigno atividades que se dedicassem aos prazeres sensuais e ao vinho, aos olhos de Sêneca, “[...] não há ocupação mais vergonhosa”. (*Ad Paulinum de Brevitate Vitae* VII, 1). Eram ofícios vinculados à prostituição, cujas meretrizes eram chamadas por ‘cadelas prosmícuas’ (*De Providentia* V, 3) ou o proxeneta, considerado um ser infame, responsável pela negociação das relações entre clientes e prostitutas. (*Ep. Mor.* 87, 14/15)

Sêneca indicava igualmente a identificação de escravos por hierarquias que se fundamentavam no exercício de suas atividades. O filósofo não explicitava diretamente a categorização, mas observava a prática de atividades desprezíveis desde a coleta de excrementos a atividades liberais e manuais.<sup>15</sup> O exercício delas era o resultado da excessiva ganância dos homens que colocavam outras pessoas nessa condição *contra*

---

<sup>15</sup> Além do ofício que servia como um divisor hierárquico entre os escravos, havia, igualmente outros elementos diferenciadores como a idade e proximidade com o senhor, neste caso, incluiremos o servo destinado a escanção. Este deveria ser jovem e, ao mesmo tempo, próximo do senhor, mantinha relações sexuais o que lhe possibilitava um maior contato e uma maior obtenção de vantagens com a proximidade de seu senhor. (*Ep. Mor.* 47, 07) Temos outros exemplos de escravos que se relacionavam com outras pessoas fora da *domus* como era o caso daqueles que inspecionavam os convivas e determinavam quem seria ou não convidado para um outro banquete. (*Ep. Mor.* 47, 08) Isto lhe dava autonomia e poder em relação a outros agentes, podendo determinar, dessa forma, relações clientelísticas de seu senhor, levando-se em consideração, o controle de entrada na *domus*.

*naturam* e era, por isso, que existiam as mais diversas e inúteis atividades como, por exemplo, a prática da escanção que expunha o escravo ao ridículo, pois era:

[...] vestido e pintado como uma mulher, luta contra a própria idade. Não o deixam crescer, forçam-no a manter-se criança, e, apesar do seu físico de soldado, todo depilado a unguento ou à pinça, passa a noite em claro ao serviço da embriagues e da lubricidade do senhor: serve-lhe de homem no quarto, de garoto na sala de jantar.<sup>16</sup> (*Ep. Mor.* 47, 6)

Calvício Sabino era criticado por Sêneca pelo fato de adquirir escravos especializados em Literatura e considerar-se erudito. O que nos interessa era a informação de que estes escravos eram comprados a preço de ouro (*Ep. Mor.* 27, 05) e que, portanto, o preço do trabalhador era demarcado pelo exercício do ofício. Sêneca referia-se igualmente a negociação de escravos sem valor negociados no templo do Castor:

Acaso eu me sentiria ultrajado se não me desse o devido tratamento algum desses sujeitos que negociam junto ao templo de Castor, comprando e vendendo cativos sem um pingo de valor, e cujos mercados estão atulhados com uma turba dos piores escravos? (*De Constantia Sapientis* XIII, 3)

O senhor podia preparar os escravos, através de instrutores que ofereciam treinamento especializado, para serem vendidos por um bom valor. Do ponto de vista do escravo, a aquisição de um ofício ou uma aptidão, era a possibilidade, quando livre, de se sustentar.

Os escravos eram também utilizados amplamente no comércio. No mercado encontravam-se escravos em todo o tipo de loja, vendendo pão, carne, peixe, salsicha, vinho. Gerenciavam lojas, negócios, casas de cômodos, armazéns; são padeiros e carregadores de lastro de navio, carpinteiros navais, cocheiros e pescadores. Os escravos artesãos laboravam com ouro, prata e fundição de ferro que exigia forjas pequenas e poucos homens. A indústria de bronze e cobre empregava milhares de pessoas em um sistema de oficinas. Além, é claro, da tecelagem que era criticada pelo filósofo por produzir tecidos transparentes: “Que pensaria Posidônio ao ver os teares de hoje, onde

---

<sup>16</sup> O horário do jantar era criticado por Sêneca pela excessividade de escravos que tinham por obrigação limpar os escarros e vomitados e trincar aves. Citemos *in extenso*: “[...] quando jantamos estendidos no leito há um escravo para limpar os escarros, outro para, de gatos, andar apanhando o vomitado dos convivas ébrios. Outro se destina a trincar aves de alto preço; e com a sua mão hábil, por cortes exatos desde o peito até à mitra, vai fazendo a ave em bocados. Desgraçado, cuja vida não tem outro fim que não seja trincar aves!”. (*Ep. Mor.* 47, 5/6) Temos, igualmente, a prática do comércio, prostituição, cabeleireiro, barbeiro, cantor, porteiro, nomeador, camareiro e médico exercido por escravos (estas podiam ser exercidas por trabalhadores de origem livre e libertos).

se fabricam tecidos inteiramente transparentes e tão inúteis para o corpo como incapazes de resguardar o pudor!”. (*Ep Mor.* 90, 20)

O grau de especialização dos ofícios fazia com que escravos fossem selecionados por categorias como era o caso dos que laboravam no ambiente doméstico da casa imperial e aristocrática que podiam ostentar luxo e um número elevado de servidores. Existiam equipes de escravos para cuidar das roupas, utensílios utilizados nas refeições, o tratamento de cada ornamento ou jóias, a preocupação com cada etapa do toalete, o cozimento dos alimentos, o serviço de mesa, o entretenimento com música, dança, brincadeiras e palhaçadas. (*Ad Paulinum de Brevitate Vitae; Epistulae Morales; De Constantia Sapientis; De Providentia*)

Essas inúmeras atividades eram criticadas pelo filósofo, pois seus contemporâneos às inventaram para suprir suas necessidades de luxo e ganância. Aos olhos de Sêneca, o acesso a moradas soberbas de grandes senhores, concitar os favores de velhos sem herdeiros, ter influência no fórum eram formas efêmeras de poder que atraem a inveja e os pesares de pessoas indignas.<sup>17</sup> (*Ep. Mor.* 68, 10) Nada mais eram, segundo o filósofo, que vícios enraizados e violentos caracterizados, igualmente, pela avareza e ambição. Tornavam-se enfermidades crônicas para a alma. (*Ep. Mor.* 75, 11) O equívoco residia em “[...] não avaliarmos as pessoas pelo que são, preferindo observá-las sempre em conjunto com os acessórios. Quando quiseres apreciar o verdadeiro valor de alguém, avaliar as qualidades, debes vê-los sem adornos”. (*Ep. Mor.* 76, 32)

Muitos romanos, assim como Sêneca, viam os trabalhadores como seres grosseiros e ignóbeis, indignos de serem vistos como cidadãos. Consideravam a posse de propriedades fundiárias o único meio que se podia conquistar uma posição social. A historiografia contemporânea ignora, como sugeriu Morel, a maneira pela qual era obtida a fortuna que permitia a compra dessas propriedades.<sup>18</sup> Sêneca não fornecia indicações numéricas se o artesanato (assim como outra atividade qualquer, comercial ou não) fosse fonte considerável de riqueza para que se pudesse adquirir uma propriedade rural. No entanto, revelava que os agentes sociais eram motivados pelo

---

<sup>17</sup> A situação de fome, segundo o filósofo, provocava o surgimento de inúmeras atividades. Citemos *in extenso*: “[...] pois nesse caso podes socorrer-te desses homens a quem a fome ensinou novos ofícios: alguns deles te corrigirá o ritmo da marcha, outro observar-te-á a boca enquanto comes, enfim, a tantos pormenores estarão atentos quantos a tua paciência crédula permitir à sua audácia!”. (*Ep. Mor.* 15, 07)

<sup>18</sup> Cf. MOREL, J.-P. O artesão. In: GIARDINA, A. **O homem romano**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1992, p. 192.

lucro. Daí a prática de atividades, como vimos anteriormente, o proxeneta, o lanista (comprador de escravos), o produtor de tecidos finos e o mercador como representantes de lucro e riqueza.

O filósofo construiu a imagem do trabalhador pela falta de dignidade e de beleza, sendo, portanto, considerados pobres e viciosos (*Ep. Mor.* 88, 10) pelo fato de serem obrigados a se dedicarem às atividades remuneradas, ainda que alguns deles não fossem de condição servil, não dispunham de seu próprio tempo, não podiam negar a importância do trabalho. A fonte senequiana apresentou inúmeras atividades remuneradas realizadas pelos homens da plebe, escravos e libertos. É impensável imaginá-los como setores sociais omissos, preocupados apenas com o seu pão e divertimento, vivendo de forma ociosa, e dependentes das distribuições de trigo oferecidos pelo *imperator* ou elite. Concluo lembrando as palavras de João Cabral de Melo Neto:

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

João Cabral de Melo Neto  
(**Tecendo a Manhã**)

